PARA NÃO ESQUECER: O LIVRO “LEMBRANÇAS”, DE JOSÉ DE BARROS E O PRIMÓRDIO DA MEMÓRIA PANTANEIRA.*

LEITE, Eudes Fernando**

Introdução

A ampliação das preocupações a respeito da memória, verificada entre historiadores e outros profissionais das humanidades, favorece a percepção de fenômenos que até bem pouco tempo atrás não mereceriam ser tomados como relevantes para a pesquisa histórica. Com as profundas transformações que ocorreram no campo da história, os estudos e reflexões sobre a memória e suas distintas acepções, se constituíram como problemática histórica também em âmbito regional.

Neste caso, a preocupação contempla uma obra memorativa, ou um monumento, compreendida como texto fundador no que se refere aos escritos sobre o Pantanal, mais precisamente sobre a sub-região da Nhecolândia, achegada à cidade de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Entender determinados aspectos do livro “Lembranças para meus filhos e descendentes”, de autoria de José de Barros, acentuando sua influência sobre outros escritos que apareceram na região na segunda metade do século XX, ocupará o cerne desse *paper*.

O livro “Lembranças”

“Explicação

Tomei, com todos os irmãos, a resolução de editar os apontamentos de memória do nosso Pai, no centenário do seu nascimento. Só assim podíamos dar cumprimento ao desejo paterno, de difundir entre todos os descendentes (hoje já numerosos), os ensinamentos de uma vida de lutas contra as necessidades primárias da existência, e de fé no trabalho orgânico e na honestidade” (João Leite de Barros, em “Lembranças”, snp.).

O trecho acima principia um pequeno livro de excepcional importância para que se compreenda os mecanismos de construção de um arcabouço memorativo, cuja finalidade mais relevante foi imprimir uma representação acerca do papel histórico desempenhado por seu autor, José de Barros (Jejé) e seus achegados, no âmbito do processo de “civilização” do Pantanal próximo à cidade de Corumbá, hoje no estado de Mato Grosso do Sul.

A explicação de João Leite de Barros, filho do autor, escrita em março de 1959 foi um tipo de resposta à expectativa do autor de “Lembranças”, que em fevereiro de 1910 deu início a escritura do livro. Enfatizando suas dúvidas acerca do que se faria com suas

*Este texto integra pesquisa sobre história e memória pantaneira, desenvolvida com apoio da CAPES(PROCAD).

* Doutor em História; professor na UFGD. E-mail: eudesleite@ufgd.edu.br

lembranças, José de Barros expressava de forma enfática a decisão de transformar sua experiência vital em modelo normativo para aqueles que deles descendessem.

“Principiei hoje a escrever minhas lembranças, mesmo na incerteza de serem compreendidas por meus filhos, aos quais exclusivamente escrevo.

Ninguém mais me faria dar ao trabalho de colecionar fatos ocorridos em minha existência.

Espero que meus filhos terão o cuidado de ler e guardar estas memórias, como eu conservo, qual um tesouro as cartas que meu pai me dirigiu.”(José de Barros)

José de Barros faleceu em abril de 1950, de forma serena e tranqüila, segundo anotou João Leite de Barros.

A produção de um livro de memórias representa, antes de tudo, uma decisão de dotar certo passado pessoal ou coletivo, aqui entendido como um conjunto de eventos e experiências irrecuperáveis em sua plenitude, de significado e de relevância para a posteridade. É a materialização no âmbito da linguagem escrita de uma vontade de permanência para além da vida humana, introduzindo com tal ação um novo fenômeno integrante da cultura, o ato de lembrar ou rememorar. O passado adquire, no contexto da rememoração, um significado relevante sobretudo porque deixa livre experiências que inicialmente foram particulares e que na fase do recordar se pretendem exemplares e normativas.

Ao distinguir a ação de rememorar da ação de memorização, Ricouer contribui para identificarmos as distinções das duas situações, especialmente porque a decisão de memorização requer uma atuação pragmática de apropriação cognitiva. Enquanto que

“Com a rememoração, enfatiza-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido. A marca temporal do antes constitui, assim, o traço distintivo da recordação, sob a dupla forma da evocação simples e do reconhecimento que conclui o processo de recordação.” (RICCOUER, 2007, p. 73).

Quando “Lembranças” fora publicado pelo Centro Gráfico do Senado Federal, em 1987, José de Barros se estivesse vivo, ele morreu em 1950, portanto trinta e sete anos antes talvez enxergasse nesse fato, pelo menos uma parte da concretização de sua vontade, uma vez que em 1959, nove anos depois de seu desaparecimento, seus filhos, por meio de João Leite de Barros, decidiram pela edição do livro.

A publicação realizada pelo Senado, em 1987, colocava em sintonia a relevância política de duas figuras proeminentes na esfera política mato-grossense: José Fragelli e João Leite de Barros. O Primeiro ocupava a presidência do Senado brasileiro, nos anos iniciais da redemocratização e construiu sua carreira política a partir de Aquidauana. Bacharel em direito, José Manoel Fontanilhas Fragelli, filho de imigrantes, nasceu em Corumbá, foi

governador, senador e, quando na presidência do senado, exerceu a presidência da República, em momentos alternados. Além disso, Fragelli, morto em abril de 2010, se tornou um importante pecuarista no Pantanal; sua carreira foi marcada por momentos curiosos, como quando assumiu a defesa de presos políticos em Aquidauana, logo após o Golpe de 1964.¹

Na nota introdutória, o então senador Fragelli enfatiza que a publicação de “Lembranças” seria útil ao país, especialmente por conta das discussões atinentes a Reforma Agrária. No interior da obra encontrava-se, pois, o relato da ação “heróica” no desbravamento do Pantanal. O conteúdo “[...] fornece fortes pormenores ilustrativos sobre a forma de desbravamento e ocupação das terras, no século passado [século XIX], naquela região matogrossense” (José Fragelli, In “Lembranças”, p. 8). Tal publicação pretendia ressaltar momentos de lutas, sacrifícios e coragem de pessoas que se embrenharam no Pantanal e cuja história agora alcançaria um lugar de destaque, prestando-se a iluminar o momento em que no contexto da elaboração da nova constituição brasileira oportunizava discussões calorosas e tensas a respeito de temas como o acesso à terra.

Por sua vez, João Leite de Barros, também desenvolveu carreira política em Mato Grosso, tendo ocupado diversos cargos ao longo de sua vida. Em 1950 tornou-se vice-governador e durante a vida sempre exerceu influência na política mato-grossense, sem esquecer de sua relevância enquanto descendente dos pioneiros do Pantanal sul-mato-grossense.

As anotações de João Leite de Barros e José Fragelli fornecem indicações importantes a respeito do caráter (co)memorativo impregnado no texto de José de Barros. Este pioneiro, desde a atribuição de título às suas anotações expressava claramente sua pretensão: “Lembranças”, viria seguido do complemento “para os meus filhos e descendentes”, o que indica a intencionalidade de direcionar o texto e seu conteúdo para o núcleo familiar. Mas em um momento em que as circunstâncias favoreciam a difusão dos daqueles escritos, considerando-se ainda a relevância que a sub-região da Nhecolândia adquiriu no contexto regional, a apropriação do livro e das informações que ele contempla foram indispensáveis para que as representações de pioneirismo e protagonismo histórico tivessem um lugar de origem – a Fazenda Firme – e personagens dotados de valores distintos – Nheco (Joaquim Eugênio Gomes da Silva), José de Barros e outros familiares – ocupando o centro do palco regional.

¹ Cf. LEITE, Eudes Fernando. **Aquidauana: a baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução**. Dourados: Edufgd, 2010.

No interior de suas noventa páginas “Lembranças” encerra temas variados: dos enfrentamentos com natureza local, passando pela introdução da pecuária na região e as dificuldades decorrentes dessa atividade, até o registro de circunstâncias trágicas. José de Barros deu início a sua empreitada escriturística em 1910, cerca de quarenta anos antes de sua morte. O marco cronológico de sua narrativa foi o próprio nascimento – 1º. de maio de 1859-; na seqüência, ano a ano, e inicialmente mês a mês, dia após dia, o autor aponta ocorrências que julgou relevantes: nascimentos, doenças e mortes na família, compra, venda e troca de animais, festas, eleições, viagens, enfim uma plêiade de temas comparecem face à pena simples mas direta desse homem dos pantanais. No texto publicado, as anotações terminam em 1938, restando dúvidas sobre até onde teria Barros prosseguido em suas anotações uma vez que a partir dessa data seu filho, João Leite de Barros, optou pela não publicação das informações.

José de Barros não se configura enquanto um expressivo polígrafo, mas quando se propôs a escrever sobre sua história no contexto da fundação de fazendas no Pantanal, parecia ter clareza a respeito do significado social, político e econômico da implantação da pecuária naqueles sertões encharcados. Suas anotações deixam claras diversas nuances de um processo colonizador que resultaria na designação da região em que se fixou sob o nome de Nhecolândia, espécie de locus escolhido por aqueles que deixaram o norte mato-grossense e optaram por se estabelecerem na área pantaneira mais próxima da cidade de Corumbá.

Mas se José de Barros tomou a decisão de escrever suas memórias, adotando para essa tarefa, a escritura de um diário em que o leitor tem a impressão de, ora estar tomando contato com informações grafadas no calor do momento, ora é informado claramente de um ato de lembrança, a intencionalidade de ensinar seus descendentes foi suplantada por variadas formas adotada na apropriação do texto. O autor enuncia, em distintos momentos do livro, as características que permitem tomar sua escrita como um rememorar, embora restem dúvidas sobre anotações que talvez tivessem sido efetuadas em períodos anteriores a 1910. Não há indicações precisas sobre a existência de algo como um “pré-lembanças” ou rascunho com informações, mas a forma cronológica, a riqueza de certos detalhes e a forma pelas quais certas informações foram armazenadas dá a entender essa possibilidade. O formato descritivo e geralmente direto de escrita sugere que o autor manteve algum diário ou outro tipo de suporte no qual realizava apontamentos assistemáticos, relevando minudências, caracterizando um instrumento de memória. Essa estratégia, segundo me parece, está plenamente de acordo com suas antigas preocupações com o domínio da escrita e das artes da aritmética, aspecto verificado desde sua juventude.

Para uma melhor noção sobre a intencionalidade do texto e das opções do autor, realço alguns temas de maior relevância, considerando-se a frequência das referências apresentadas. “Lembranças para meus filhos e descendentes” está dividido em quatro momentos ou capítulos: 1º, Explicação, escrita por João Leite de Barros em 1959; 2º, Nota Introdutória, de autoria de José Fragelli, datada de 1987; 3º, Apresentação, anotada pelo autor quem dá a entender que ela é de 1910 e, 4º, Apontamentos, o mais extenso e detalhado conjunto informativo do livro. José de Barros menciona com notável frequência as atividades ligadas ao universo rural e pastoril, ambiente de sua origem e que lhe garantiu, após longos anos, amealhar poder econômico e prestígio. Nesse contexto, o trabalho com o gado bovino e equino – atividades umbilicais no ambiente pantaneiro – marcaram a vida do autor, tanto quanto se tornaram no símbolo econômico do Pantanal. Ano a ano, Barros parece ter anotado a contabilidade de suas atividades com o gado; desde aqueles animais recebidos como presentes de familiares, como de Nheco, até a produção verificada pelos animais de sua propriedade, tudo foi objeto nota e comentários por parte de um homem que parecia ter obstinação em superar suas dificuldades e obter sucesso ante as situações desafiadoras.

E para se ter uma idéia a respeito dessa obstinação é possível perceber que certos eventos de caráter pessoal recebem menos atenção, por parte do autor, quando comparados às atividades relacionadas ao universo econômico. Isso se verifica quando do casamento, ocorrido em 1886 e que mereceu poucas palavras, ou as referências à esposa, Maria Leite de Barros, cujo nome completo só parecerá quando de sua morte, em 1926. Esse aspecto não consente insinuar algum tipo de desvalorização ou desprezo pela companheira que tomou “[...] parte igual na minha vida, 39 anos, 8 meses e 10 dias” (BARROS, 1987, p. 70), mas permite perceber o quanto José de Barros foi um homem de sua época, para quem o mundo do trabalho sempre foi sinônimo da própria identidade.

Outros dois componentes relevantes presentes nas páginas de “Lembranças” são as preocupações de Barros com a política e a economia e, suas avaliações sobre o envelhecimento e a felicidade. Ao longo do livro, encontram-se apontamentos sobre o trabalho escravo e sua abolição, a derrocada do Império brasileiro², os conflitos verificados na implantação e consolidação da República, as constantes intempéries manifestadas na política

² O fim do Império e a Proclamação da República mereceram especial atenção de José de Barros: “A 15 de novembro, foi a deposição do Imperador do Brasil e o advento da República brasileira. Pormenores ocorridos nessa revolução deixo de mencionar por estarem no domínio da história do Brasil.” (BARROS, 1987, p. 26). São simples observações ou constatações de um episódio, mas logo em seguida, é possível encontrar a transcrição da mensagem assinada pelo Marechal Deodoro da Fonseca e enviada ao Imperador comunicando-o do ocorrido e ordenando-lhe a saída do Brasil. Logo na sequência encontra-se igual documento, esse com a resposta do Imperador ao Marechal. Então, por esse ato é possível compreender o significado do evento para José de Barros, além de indicar sua atenção para o que ocorria fora do Pantanal.

mato-grossense, a eclosão da primeira guerra mundial, o tenentismo, a passagem da Coluna Prestes pelo Pantanal, a presença de Silvino Jacques nessa região, o primeiro avião a pousar nas fazendas pantaneiras, a chegada do automóvel, a presença de epidemias na cidade de Corumbá, entre muitas observações a respeito de mudanças no mercado da pecuária.

As anotações e referências efetuadas por José de Barros a esses e outros temas permitem assegurar que ele nunca esteve alheio ao que ocorria a sua volta e em lugares mais afastados de seu cotidiano. Seus apontamentos demonstram sintonia com os acontecimentos, tanto na esfera regional quanto em âmbito nacional, e ao cabo, essa condição coloca em dúvida assertivas que acreditaram e acreditam que o Pantanal foi uma região isolada, destacada do restante do país, insinuando certo afastamento da historicidade brasileira. Parece-me insustentável acreditar que embora afastado de centros econômicos, políticos e culturais, os migrantes que se estabeleceram no Pantanal, nas duas últimas décadas do século XIX, possam ser inseridos numa condição de isolamento pleno. O conteúdo de “Lembrança” atesta, sob ângulos e por razões distintas, os vínculos pantaneiros com Cuiabá, Cáceres, Rio de Janeiro e Corumbá e Assunção, no Paraguai; mais tarde, especialmente a partir dos anos 1920, emergem referências à Campo Grande e a outras urbes brasileiras.

As observações de José de Barros a respeito de temas *existenciais* integram o núcleo da segunda parte até aqui tratada. Nas anotações iniciais do livro datadas de 1910, Barros esclareceu a finalidade pretendida para a obra, ainda que deixasse escapar dúvidas sobre o alcance da mesma. Em dezembro de 1925, aparecem as primeiras observações acerca do envelhecimento marcado por dificuldades de visão, memória e problemas estomacais, tudo associado à saudade do filho Belmiro, morto em 1923. A compreensão de Barros sobre tais circunstâncias é econômica: “Mas tudo isso é o deslize da nossa vida quando em declínio.” (1987, p. 70). Em janeiro de 1933, novas observações sobre a velhice reaparecem associadas à preocupação com dificuldades apresentadas no aparelho urinário. No ano de 1937, precisamente em março, Barros viaja em busca de tratamento para seus problemas óticos; no mês de dezembro desse ano, encontram-se as últimas notas sobre o envelhecimento: “Importantes manifestações de decrepitude invadiram meu organismo. Fraqueza física e mental próprias dos meus 78 anos de existência.” (1987, p. 88). Barros faleceria em abril de 1950, treze anos após essa última nota, “[...] três dias antes de completar 91 anos, em plena lucidez de espírito”. (João Leite de Barros, 1987, p. 92).

Esses momentos interpõem uma espécie de trava ao estilo econômico, direto e quase impessoal que caracterizaram a escrita de Barros. Embora tenha confessado seu progressivo desapego à sua religião primeira, a católica, José de Barros, personagem central

de sua própria obra, deixa escapar algumas características daqueles que possuem laços mais estreitos com as práticas religiosas do catolicismo. Em distintos momentos do livro, encontram-se menções a participação em eventos sacramentais: batizados, casamentos e festas religiosas. As observações que fez sobre temas como o envelhecimento ou, noutra extremo, sobre política denotam que o anseio quando de sua juventude, em adquirir um arcabouço intelectual de maior extensão permitiu a construção de juízos de valor pouco comuns a indivíduos que enfrentaram situações pouco favoráveis ao longo de suas vidas. Alves (2003), em breve estudo no qual chamou atenção para a “formação de José de Barros” enquanto alguém que se faz no ambiente do trabalho, destaca que “[...] nunca é desnecessário realçar as capacidades reveladas por esses homens, tidos, muitas vezes, erroneamente, como *brancos*. Pobres e rústicos sim, mas não *brancos*. Pobres e rústicos e aptos para o exercício de diferenciadas lides no âmbito da produção material.” (2003, p. 90). Ainda de acordo com esse autor, as origens dos “pioneiros” que remontam aos bandeirantes que se estabeleceram em Cuiabá, no século XVIII, explicam determinadas práticas sociais. Esse grupo seria originário de segmentos nobres e fidalgos empobrecidos, os quais ao longo do tempo migraram e alcançaram a região das minas mato-grossenses.

Ainda sobre o imaginário de José de Barros, o conteúdo de “Lembranças” permite arriscar a afirmação de se trata de personagem que articulou sua experiência de vida às ferramentas intelectuais adquiridas na escola, na família, em ambientes e atividades distintas que exerceu. Tudo isso que lhe facultou interessantes mecanismos de leitura de seu mundo. No campo das inferências, acredito que Barros deve ter realizado um conjunto de leituras, as quais o influenciaram, cedendo-lhe conceitos que fazem de sua narrativa um texto seco, à imagem de uma das estações do Pantanal, mas integrado por significativas pistas acerca do processo histórico do qual fez parte. Barros, por exemplo, não se deixou encantar facilmente pela natureza da região, ao contrário, suas observações a respeito do ambiente tomam a natureza pantaneira como um fenômeno ambiental a ser dominado e modificado pelo homem. Não há idealização; há obstáculos a serem enfrentados pelo homem e em benefício do homem. O Pantanal de José de Barros é pouco ou nada paradisíaco, sobretudo nos momentos em que a seca predomina na região, trazendo prejuízos para as atividades pastoris. Por outro lado, também é na natureza, especificamente, das matas que saíram a madeira e a palha para a construção das moradias ou para a construção de currais e cercas. Nesse tópico, Barros retomaria sua experiência e prática ocorridas ainda quando construía uma casa para os pais, anteriormente a migração para a Nhecolândia. A ação do “pioneiro”, Barros e muitos outros, se deu na direção de avançar sobre a natureza delineando um ambiente em que a vida estava

associada à capacidade produtiva do lugar; dessa tarefa resultaria, ao olhar de José de Barros, uma paisagem cujas características foram desafiadoras e sobre a qual restou uma memória narrada a partir de uma experiência poucas vezes encantadora ou encantada.

Uma fonte memorativa para a História

O significado e o espaço ocupados por “Lembranças” posteriormente a sua publicação provêm de interesses e razões variadas, aplicadas na apropriação do conteúdo do livro. Pelo menos duas dessas formas de assimilação reivindicam algumas observações.

A primeira delas se refere a decisão familiar, particularmente a de seu filho-político, João Leite de Barros, em trazer “Lembranças” a público, permitindo que o livro fosse conhecido para além dos espaços de parentesco. Imbuído do desejo de compartilhar os escritos de seu pai que, segundo se pode inferir de sua escrita, foi um indivíduo devotado ao trabalho e cuja vida simples proporcionou ao pai uma “rebuscada felicidade”, João Leite de Barros de posse dos manuscritos, empreendeu um trabalho editorial no sentido de organizar o texto, acrescentando explicações e complementos sobre pessoas e lugares, sem esquecer-se de definir precisamente o que seria de interesse de insabidos leitores. Quando da concretização dessa decisão, ao final do livro, encontramos um sutil e instigante esclarecimento:

“Neste ponto paramos a publicação das “lembranças”, por não apresentarem maior interesse. Nos últimos anos de vida, José de Barros se limitou a anotar, principalmente, a movimentação dos parentes, amigos e pessoas da família, fatos sem maior significação humana ou histórica” (João Leite de Barros, p. 92).

Essas informações ilustram uma situação na qual o indivíduo chama para si o poder de definir os elementos que devem figurar no texto memorativo e, por extensão, aquelas informações a serem alijadas do material.³ Neste caso, um filho - João Leite de Barros - provavelmente apoiado por outros familiares de José de Barros, interfere no acervo memorativo instaurado por uma personagem que antes entendera que sua história de vida era relevante para a posteridade e, dessa forma, debruçou-se sobre o papel na tarefa de consolidar um relato no qual a escrita, fortemente influenciada pela oralidade, trataria de colaborar no trabalho de preservação e representação dos eventos perdidos no passado do autor e daqueles que dele se acercaram.

No escopo dessa problemática, proponho o entendimento de que as lembranças escritas por José de Barros guardam alguma distância do livro “Lembranças”, publicado em 1987. A ação de João Leite de Barros pautou-se sobre um caráter seletivo uma vez que

³ Para Abílio de Barros (2009), os cortes no texto decorrem da necessidade de preservação de fatos relativos a intimidade familiar.

excluiu e incluiu informações; informações as quais ao serem escritas por José de Barros, obedeceram ao critério de relevância memorativa por ele pretendido no momento da decisão pela escrita e na organização de “Lembranças”. A decisão de selecionar a memória do pai implicou, com certeza, na alteração da natureza primeira da fonte, embora não sejam conhecidas as informações ausentes da publicação levada a cabo por João Leite de Barros.

Enquanto problema verifica-se aí a presença de uma ação que expõe a relevância e as implicações relativas à constituição de uma fonte histórica, salientando as injunções que circundam um *objeto* representacional quando pensado em perspectiva diacrônica. Configura-se – e se repete – a antiga situação que exige dos pesquisadores a clareza no ato de discernimento entre a fonte e a experiência existencial que a mesma insinua substituir. Ainda que seja possível ter acesso aos rascunhos dos escritos de José de Barros, não teremos o passado enquanto experiência humana. Aliás, a localização dos originais de “Lembranças” e, da mesma forma, da parte faltante se instala como um desafio para outros momentos de pesquisa, mesmo porque ainda não se apresentaram pistas sobre esse material que pode estar perdido ou sob a posse de algum amigo ou familiar.

É certo que a localização dos originais permitiria o contato e o reconhecimento de muitos aspectos que contribuiriam decisivamente para se avaliar o teor das informações não publicadas, bem como entrar em contato com peculiaridades dos distintos textos, articulando-se a isso possíveis vicissitudes e idiossincrasias do autor. É importante anotar que não se trata de procurar a “fonte original” ou a gênese da história, mas compreender como a apropriação de uma fonte, independente de sua natureza ou suporte, congrega dimensões que extrapolam o conteúdo informativo por ela preservado. Não é exagero lembrar uma prática corriqueira nos procedimentos da pesquisa histórica que considera a fonte um “objeto” relevante a partir das escolhas que o pesquisador faz mediante suas indagações ao passado. Ou seja, apresenta-se uma possibilidade de compreender alguns aspectos que remetem a construção de uma fonte, antes mesmo do momento em que o historiador a reconheça enquanto tal, identificando sua identidade no curso da pesquisa histórica.⁴

Na perspectiva do historiador que se debruçará sobre “Lembranças” em busca de informações referentes ao Pantanal ou a temas correlatos, o trabalho pode ser classificado como uma fonte importante sob vários aspectos, permitindo que dados quantitativos e qualitativos possam ser conhecidos e analisados. Trata-se, nessas circunstâncias de uma fonte

⁴ Há, contemporaneamente, vasta bibliografia sobre fontes históricas, formas de uso, entre outros tópicos. Para efeito de pontuar referências gerais presentes neste *paper*, indico: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Edunicamp, 1992; PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo Contexto, 2005; e, ____ & DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

escrita relevante, cujo conteúdo contribui para ampliação do que se conhece sobre as estratégias de vida na região do Pantanal, especialmente daquelas famílias que aí se introduziram nas últimas décadas do século XIX.

Noutra direção, aquela que mais importa aqui, “Lembranças” é tomado como enquanto fonte, mas também se coloca como um tema que suscita certa problemática a respeito da história e da memória pantaneira. O sentido e as formas de emprego do livro, especialmente, a partir da década de setenta do século passado, dotaram-no de um significado peculiar para que a história local pudesse ser compreendida a partir da ação de pioneiros como Nheco e de José de Barros. As observações do senador Fragelli, já aqui mencionadas, apenas realimentaram o valor que o livro vinha adquirindo na região, especificamente no Mato Grosso do Sul.

Ainda que não seja preocupação presente nesse momento, parece-me relevante anotar que José de Barros deu início a uma profícua produção escriturística, em cujo interior a ação dos homens no Pantanal justificam sua classificação enquanto pioneiros. À figura representacional do pioneiro concatena-se a de prócer de uma escrita endógena nutrida pela ação do homem sobre natureza, num espaço peculiar do Oeste brasileiro. E nessa trajetória literária, muitos outros descendentes de José de Barros – ou descendentes de parentes próximos – trataram de escrever a respeito do Pantanal. Talvez o nome de maior destaque desse grupo nos dias atuais seja o do poeta Manoel de Barros, autor que ganhou notoriedade nacional e foi transformado numa espécie de referência em relação às imagens poéticas que estabeleceram certo olhar melancólico em relação ao Pantanal; encontra-se na produção desse autor um complexo trabalho de construção de uma “paisagem poética” sobre o Pantanal.⁵

Escritos diversos e com preocupações distintas entre si tomaram “Lembranças” como repositório de informações confiáveis e que se prestariam para compreender parte da história pantaneira, particularmente da sub-região da Nhecolândia.⁶ Há no interior do livro

⁵ O complexo processo de afazendamento o Pantanal, especialmente, aquele da sub-região da Nhecolândia aparece como questão central em diversos livros publicados por descendentes dos “pioneiros”. Com a finalidade de ilustrar, anoto os seguintes trabalhos: PROENÇA, Augusto César. “Pantanal: gente, tradição e histórica”. Campo Grande: Ed. do Autor, 1992; BARROS, Abílio L. de. “Gente pantaneira (crônicas da sua história)”. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998; _____. “Pantanal pioneiros: álbum gráfico e genealógico de pioneiros na ocupação do Pantanal”. Brasília: Senado Federal, 2007. Os autores e respectivos textos representam o que considero a fração mais expressiva e sofisticada do fenômeno de constituição da memória endógena sobre a colonização do Pantanal próximo a Corumbá. Outros autores e textos podem ser lembrados e acrescentados considerando-se critérios diversos; Manoel de Barros, poeta de significativa obra é um exemplo da variedade e amplitude dos autores da extensa família “Barros”, ainda que se objete que sua obra guarde distância das demais que são mais explícitas em suas características memorialistas.

dois instantes distintos, sendo que o primeiro trata dos acontecimentos verificados antes da migração do autor para a Fazenda Firme; já no segundo período, as informações que constituem a narrativa dão conta da migração e da instalação de Barros e seus familiares na área sob domínio de Nheco. Esse segundo momento constitui-se pela inserção dos fatos narrados em “Lembranças” e principia-se com a decisão de José Barros, após insistência de Joaquim Eugênio Gomes da Silva (Nheco), em aceitar o convite para se mudar para a Fazenda Firme. Barros deixa claro suas dificuldades naquele momento e escreve sobre suas dúvidas em alcançar sucesso em Laranjeira, avaliação que se destaca face à oferta do cunhado.

“Eram tentadoras as promessas do Nheco. Disse-nos que possuía quase cem léguas de campos de cria; que dentro dos limites desses campos, poderíamos estabelecer, escolhendo o lugar que mais nos conviesse; que nos faria dação [doação] da extensão de campo que precisássemos; que nos ajudaria na condução do nosso gado e nos daria toda e qualquer proteção, até que nos pudéssemos reabilitar dos prejuízos caudas pela mudança.” (BARROS, 1987, p. 31)

Considerando as dificuldades vivenciadas e vislumbrando um desdobramento favorável ante a essa proposta, Barros se prepara para “descer”, rumo a um lugar ainda desconhecido. Em 13 de outubro de 1894, José de Barros inicia sua viagem em direção a Fazenda Firme, ali chegando a 15 de novembro do mesmo ano, conduzindo cerca de setecentos e cinqüenta animais bovinos. Essas informações aparecem à página trinta e quatro de “Lembranças”, ou seja, a partir desse momento, o conteúdo do livro terá seu foco voltado para a instalação de José de Barros e seus próximos em área integrante da Fazenda Firme.

Para trás ficaram as conquistas até ali obtidas, inclusive a área denominada Laranjeira, na qual criava seu gado e que não fora devidamente registrado por ele. Mas Barros demonstra perspicácia em relação ao convite de Nheco, deixando claro que compreendia o projeto visualizado para a consolidação do domínio territorial no Pantanal. Após informar que havia decidido pela mudança, Barros concluiu que “havia razão do Nheco nos prometer dar o terreno que precisássemos. Os seus domínios, já tão extensos, poderiam ser aumentados o quanto desejasse.” (BARROS, 1987, p. 32).

Todavia se “Lembranças” pode ser tomando como a obra “pioneira” acerca da colonização de uma sub-região do Pantanal, outros textos de diversas naturezas trataram de dar seqüência ao sonho de José de Barros, principalmente no que tange a valorização das

⁶ Augusto Proença entende que “Lembrança” é um diário e sua contribuição é decisiva para se conhecer a ação dos pioneiros na Nhicolândia. Ainda que reclame um texto de melhor qualidade estética, esse autor dimensiona o significado do texto de Barros para o conhecimento sobre a ação dos “pioneiros”, sobre uma área inóspita e que exigia coragem daqueles que ali se aventuraram. Uma das questões mais relevantes no livro, segundo Proença, diz respeito a bravura e coragem daqueles indivíduos que se aventuraram no Pantanal, condição que desapareceu com os pioneiros. ENTREVISTA. Augusto César Proença. 2010.

ações encetadas por figuras destemidas. José de Barros quando idealizou um futuro para seu passado, construindo um texto procedeu como uma espécie de visionário que desejava ir além da fundação de fazendas e a consolidação da pecuária pantaneira; pensou e escreveu na direção de fundar uma memória – a sua e de seus parentes, como Nheco – para consolidar o processo migratório, transformando-o em ação vitoriosa de seu grupo social que se confunde com a própria família.⁷

O trabalho a favor da memória, a sua em especial, empreendido por José de Barros foi vitorioso na medida em que num simples arrolamento poderemos encontrar diversos livros que tomam o passado do Pantanal da Nhecolândia como resultante da ação dos pioneiros, tendo Nheco a frente, secundado por José de Barros. Se Nheco alcançou lugar na memória local pela decisão de tentar recuperar as terras do pai, Barros com sua pena criou uma representação para a trama histórica. Não parece gratuito que o capítulo “apontamentos”, na página 13 de “Lembranças” se inicie justamente com as informações sobre o casamento de Nheco com Maria Mercedes, a irmã do autor!

Michel Pollak, retomando as observações de Maurice Halbwachs, lembra que ainda que a memória seja tomada como fenômeno individual, trata-se ela de uma experiência do grupo. Ela, a memória, é um acontecimento que se submete a modificações, recusando a ações de solidificação ou fossilizações, ainda que no núcleo da memória se apresentem elementos estáveis. (POLLAK, 1992, p. 200 e 201). A constituição da memória encerra, numa relação interdiscursiva e funcional os acontecimentos e as personagens ou agentes da ação que caracterizam um ou mais fatos dignos de nota e cuja ocorrência implica a identificação de um espaço, um palco no qual os três elementos se conjugam. (Idem, p. 200 e segs.).

No caso em tela, ou seja, o significado de “Lembranças” para e na memória pantaneira, é indispensável pensar a obra como um marco memorativo constituído para preservar e difundir informes para a posteridade e, ainda, definir o lugar das personagens no passado local. Esses aspectos incidem sobre noções mais simples acerca da produção de um elemento memorativo, tal como “Lembranças”, e que o tomam como um texto menor, cujas características têm a ver com a pretensão de um proprietário rural que decidiu escrever suas recordações de forma direta e nada rebuscada. Na essência desse fenômeno existe um grau de intencionalidade, fator que opera no sentido das escolhas acerca do que se deve lembrar. E

⁷ Um estudo genealógico que tome as famílias que se instalaram no Pantanal próximo à Corumbá, a partir dos fins do século XIX poderia avaliar a complexidade do processo de distinção entre figuras de uma geração e daqueles que se seguem. É notável a frequência com que os nomes se repetem, o que não invariavelmente pode causar confusões quando da leitura de fontes a respeito do Pantanal. A compreensão da história dessas famílias provoca a sensação de que estamos frente à uma obra de Garcia Marques, quando as personagens parecem não desaparecer ou, noutra perspectiva, reaparecem, indicando uma permanência na própria trama.

nesse sentido, a opção inicial de José de Barros em escrever para seus filhos e descendentes indica sua opção por uma espécie de público seletivo, para quem o autor se dirigiu, mas noutro instante, quando da ampliação daqueles que acessaram “Lembranças”, percebe-se claramente que, para adotar a expressão polakiana, *a memória é um fenômeno construído*, até porque o que restou – e foi reelaborado - da trajetória do pioneiro garantiu prerrogativas sociais, políticas, econômicas e culturais para seus descendentes.

Posteriormente, a memória sobre a colonização da Nhecolândia, ganhará muitos outros elementos que potencializaram sua eficácia enquanto um mecanismo garantidor de interesses diversos. Nas décadas de 1930 a 1960 apareceram muitos *monumentos* que refletirão o sucesso do projeto esboçado por José de Barros. O surgimento do “Boletim da Nhecolândia” e a criação do Centro de Criadores de Nhecolândia são exemplares para perceber o sucesso da colonização e a constituição de ferramentas e locais vocacionadas para a defesa e difusão dos interesses dos proprietários da Nhecolândia.

Encontra-se nos acontecimentos mencionados a articulação de espaços e monumentos dedicados ao fortalecimento da memória de José de Barros e de Nheco, e seus respectivos descendentes. Nesse entendimento subsiste a razão pleiteada para a construção, preservação e difusão da memória dos pioneiros da Nhecolândia e atribui à memória a tarefa de deliberar e fortalecer laços e noções de aproximação, identificação e pertencimentos. (POLLAK, 1989, p. 9). Dessa maneira “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (Idem, p. 9).

O processo de elaboração da memória dos pioneiros pantaneiros encontra sua semente em “Lembranças”, segundo creio ter demonstrado até aqui. Mas ainda é destacável a percepção de que essa “obra pioneira” traz uma face peculiar de seu autor, quando lembrado o contexto em que viveu e, depois, formatou sua escritura. José de Barros consolidou em seu texto aquilo que integrava sua auto-representação, cujo local era uma região inóspita e no contexto histórico em que lhe competia domesticar esse espaço. Trata-se de um trabalho que será referido na sua obra, a escrita, e com tintas que destacará sua desenvoltura.

Para Ângela de Castro Gomes (2009), quem explora elementos presentes na constituição de escritas auto-referenciais, há demandas que implicam a valoração de si:

“A escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da idéia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos.” (p. 10).

O que se percebe no que diz respeito ao tema em discussão, a personalidade de José de Barros permitia que sua experiência pudesse ser avaliada e, depois, oferecida sob perspectivas exemplares para os que dela se apropriassem. E no que se refere aos usos da memória, pode-se compreender porque “Lembranças” alcançou lugar de destaque entre aqueles segmentos que buscavam fundamentos para elaborar e consolidar um passado comum para a região Pantaneira da Nhecolândia; O livro e a trama que lhe dá sustentabilidade versa, a partir de estratégias discursivas e estéticas próprias, sobre uma experiência histórica vitoriosa e que apresenta informações reveladoras de um projeto político, econômico e social exigente de uma origem laboriosa. José de Barros e, por consequência, a história de sua vida se ajustam no espaço a ser preenchido pelo “herói” que após longas batalhas, descansou em paz, não sem antes legar uma memória aos que dele descenderam. O herói legou uma herança de múltiplos significados, dentre as mais salientes estão: a econômica; a memorativa e exemplar, e a congregante.

Referências:

ALVES, Gilberto Luiz. José de Barros: a formação de um pioneiro. In: _____. **Mato Grosso do Sul; o universal e o singular**. Campo Grande; Eduniderp, 2003. p. 83-98.

ENTREVISTA. **Augusto César Proença**. Realização: Eudes Fernando Leite & Tiago Alinor H. Benfica. Campo Grande: UFGD. 2010. 60min (aprox.). Son. Digital.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História; a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

BARROS, José de. **Lembranças para meus filhos e descendentes**. São Paulo: snt., 1987.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Edfgv, 2004.

____ (org.). Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Edfgv, 2004. p. 7-24.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Edunicamp, 1992.

LEITE, Eudes Fernando. **Aquidauana: a baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução**. Dourados: Edufgd, 2010.

PINSKY, Carla B. & DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla B (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-215. 1992.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François *et al.* Campinas: Edunicamp, 2007.